https://doi.org/10.35520/flbc.2025.v17n32e68194

ENTREVISTA: NATALIA BORGES POLESSO

Narrar o fim do mundo com alegria e terror

por Bianca Magela Melo[*]

Natalia Borges Polesso (Bento Gonçalves, RS, 1981) é escritora, pesquisadora, tradutora e professora da área de Letras e Escrita Criativa da PUC-RS. Desde a estreia com *Recortes para álbum de fotografia sem gente* (2013) já são dez livros publicados e uma lista de prêmios importantes recebidos. Parte de sua obra lida com cenários catastróficos, crise do clima, Antropoceno e assuntos afins. "Narrar o fim do mundo com alegria e terror" é a tarefa à qual tem se dedicado em romances, como *A extinção das abelhas* (2021), vencedor do prêmio Minuano (concedido pelo governo do RS) e finalista dos prêmios Jabuti e São Paulo de Literatura, e *Corpos Secos* (2020), vencedor do Jabuti na categoria romance de entretenimento, resultado de escrita colaborativa com Luisa Geisler, Marcelo Ferroni e Samir Machado de Machado; e ainda no conto *Perfeita tecnologia* (2021), publicado no Suplemento Pernambuco, em que um organismo/parasita convive com a protagonista, infiltrando-se em sua epiderme e pensamentos e na narração. São três exemplos de distopias que a autora prefere tratar como realismo especulativo, "para pensar

[*]Doutora em Letras: Estudos Literários pela UFMG. Atualmente realiza estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV/UFRJ) com pesquisa sobre prosa brasileira contemporânea de autoria feminina relacionada aos temas do risco, da violência e da comunidade.

futuridades e para pensar continuidades de algumas existências não hegemônicas".

Com trânsito entre teoria e ficção, Natalia acompanha as reorientações do pensamento atual, no rastro de reflexões propostas pelos estudos culturais seguidos pelo feminismo, estudos decoloniais e *queer*. Na entrevista a seguir, realizada via áudios de WhatsApp, ela associa sua produção e pensamento aos atravessamentos desses saberes e questões e ainda ao que vem sendo chamado de ecocrítica, desdobramento dos estudos literários recentes em que a perspectiva ecoambientalista se impõe ao pensar a convergência entre humanos, outros animais, ambiente, plantas, vírus e sistema mundial capitalista /neoliberalista.

Sua prosa experimenta com o caos, mistura temporalidades e vozes narrativas, e reflete as contaminações, exibindo agência de instâncias não humanas, como insetos, mas também trazendo para a ambiência de suas personagens as mutações materiais provocadas pelos agrotóxicos, e, em outro nível, pela política de extermínio de determinadas vidas e comportamentos. Nas obras com temática ambiental ou em outras, a autora põe em cena o amor entre mulheres e a contraparte social que as atinge no presente e no futuro projetado: o conservadorismo e a agressão. Porém, na busca de refletir na literatura nossos fins de mundo, estão também a insistência na sobrevivência, no afeto, no encontro[1].

[1] Na entrevista que se segue, mantivemos a informalidade e a coloquialidade da fala da entrevistada.

Bianca Magela: Em uma entrevista de alguns anos atrás [para o Jornal do Comércio] você afirmou que estava "obcecada" pelo fim do mundo. Esse é ainda um tema de obsessão para seus trabalhos em andamento?

Natalia Polesso: A resposta é sim. Entrei para um pós-doutorado na PUC-RS, em 2023, com o tema do Antropoceno e todas as discussões, as tensões e os atravessamentos teóricos que ele traz. Pensar o fim do mundo e pensar o Antropoceno envolvem diversas questões e esse, para mim, continua sendo um tema de obsessão. Desse pós-doutorado, que terminei agora em 2025, instituí um grupo de pesquisa principal que se chama "Atlas do Antropoceno". Para mim, foi uma coisa meio natural vir de uma perspectiva teórica feminista, *queer* e decolonial para entrar na perspectiva mais ecológica – e ecologia no sentido de modo de habitar o mundo –, e pensar o Antropoceno a partir dessas teorias, para refletir sobre o que a gente tem vivido. Podemos falar da crise climática, mas ela é um dos índices desse fim do mundo. Não gosto de usar essa palavra banalmente, mas são temas urgentes. E eles têm aparecido cada vez mais na mídia, na TV, nos jogos, nas séries e em todos os objetos culturais que a gente tem consumido. A questão do fim do mundo atravessa diversas dessas produções, às vezes a partir de perspectivas tecnológicas, ou histórias distópicas, pós-apocalípticas ou mesmo numa iminência de fim do mundo. Então, pensar isso dentro da minha produção como escritora, como você está me perguntando, continua sendo um atravessamento. Desde 2016, quando comecei a pensar com um pouco mais de força nessas coisas, são questões que se impõem. E, para mim, vê-las a partir

dessas perspectivas decoloniais é um caminho muito possível porque, por exemplo, um dos *golden spikes* do Antropoceno, uma das marcas de início, é a grande aceleração, ou a revolução industrial. Mas há outros teóricos, como o caribenho Malcolm Ferdinand, que vão pensá-las a partir da invasão do continente que hoje se chama América. Mas a gente pode pensar *Turtle Island*, o Caribe ou as Antilhas, e Abya Yala dentro dessa perspectiva. Então é pensar o fim do mundo como decorrência dessas invasões, ou ainda pensar o modo de habitar o mundo, essa ecologia, a partir das mudanças que as invasões trazem – mudanças de bioma, de relação de habitação do mundo, considerando o sequestro e a escravização de pessoas do continente africano, pensando em mobilidade financeira, econômica com usurpação, roubo, pensando em etnocídio. Para mim o fim do mundo se estabelece muito nitidamente a partir dessas questões que vão instaurar o capitalismo, e atualmente o neoliberalismo. A gente tem a figura desses bilionários que são quase personagens de distopias e tudo isso se impõe sobre a nossa vida em questões muito básicas, como as mudanças climáticas que mencionei, que têm a ver com a emissão de carbono e todos esses índices que aparecem de certa forma n'*A Extinção das abelhas,* por exemplo, e que vão continuar aparecendo em contos e em livros que estou escrevendo agora porque para mim são questões indissolúveis, questões com as quais cada vez a gente vai tender a se preocupar mais. Para além das mudanças climáticas, tem a precarização geral da vida.

Bianca Magela: Em *O manto da noite*, a autora Carola Saavedra trouxe a expressão "realismo onírico" – que tem a ver com recuperar a perspectiva da verdade possível no sonho como o fazem

muitas tradições indígenas. Você, ao se referir a textos distópicos próprios, menciona "realismo especulativo", em consonância com pensadores como o filósofo Timothy Morton. Como se dá esse realismo atual relacionado à literatura? Em que medida ele tem a ver com nossa tradição realista ou se afasta dela?

Natalia Polesso: Vou responder em duas perspectivas. Uma delas é: acho que sim, a gente tem essa tendência a uma prosa realista, mas gostaria de lembrar um artigo da professora Regina Dalcastagnè, "Ilusão e referencialidade: tendências da narrativa brasileira contemporânea"[2], que analisa o perfil do escritor, dos personagens e narradores. A maioria dos escritores, pelo menos até 2004, eram homens, brancos, hetero, cis – 72% homens, 93% brancos – da classe média que, supostamente, estavam fazendo uma prosa realista. Dalcastagnè faz uma breve análise temática do que aparece nos livros. Como podemos dizer, de fato, que essa é uma prosa realista que abrange a nossa diversidade? Já começa por aí. A gente pode pensar no projeto de nação nosso, quer dizer, nosso não, não é meu, mas no projeto de nação e das identidades que vêm historicamente pautando o sujeito da literatura, mas, se formos analisar mais contemporaneamente, a gente sabe que esse realismo é um realismo limitado, que não condiz com a realidade. Isso está lá na pesquisa da professora Dalcastagnè. Acho que nos últimos anos, porque a gente tem mais pluralidade, até a nossa ideia de realismo na literatura tem-se alargado. Temos

[2] In Revista *Signótica*, Goiânia, v. 19, n. 1, pp. 125–141, 2007. O artigo é ancorado em dados da pesquisa "A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004", realizado na Universidade de Brasília (UnB) sob coordenação de Regina Dalcastagnè.

um espelhamento de mais realidades, e diversas e, a partir disso, podemos pensar a própria noção histórica desse realismo.

No meu caso, chamei "realismo especulativo" ao que eu quis fazer para pensar futuridades e continuidades de algumas existências não hegemônicas. É, de certa forma, um exercício de sonho, de utopia, de imaginar uma existência possível. Por exemplo, em *A extinção das abelhas*, o mundo está acabando, a gente tem o colapso ecológico, o colapso político, o colapso das relações, tudo vai se precarizando, se esfacelando. No entanto, essas personagens vão reconstruindo suas vidas de algum modo: seja a Guadalupe, na fuga da ideia de uma família tradicional, indo viver as coisas que ela desejava viver, e depois em uma comunidade, para onde vai no fim do livro, ela acaba criando um outro tipo de realidade, de vida; ou a Regina, porque, na fuga com outras mulheres, ela acaba criando uma possibilidade de futuro e uma possibilidade de continuar a existir em comunidade. Por isso, eu trabalho com essa ideia de futuridade e de continuação de existência.

Quanto à minha produção especificamente, não penso em relação a uma tradição realista. Na verdade, não penso nem em me afastar nem em me aproximar. Não considerei isso, mas talvez isso opere em outro nível. A reflexão que fiz anteriormente talvez seja um pouco mais importante para pensar essa ideia, inclusive da especulação, da distopia. Trago o exemplo de *Corpos secos*[3],

[3] Ficção escrita coletivamente por Natalia Borges Polesso, Luisa Geisler, Marcelo Ferroni e Samir Machado de Machado.

um livro que tinha algumas linhas de narrativa decididas previamente. A gente sabia que seria uma distopia de mortos-vivos. Dentro daquele âmbito, escolhemos alguns itens que iríamos todos corroborar para trabalhar nas linhas que tínhamos decidido. O governo do Brasil teria caído uns seis meses antes, a epidemia estaria se alastrando e teríamos um Brasil já devastado por essa doença que transforma as pessoas em mortos-vivos. É claro que isso é uma especulação que se afasta completamente do realismo, mas não deixa de ter sua parcela de crítica a partir de uma realidade porque, veja, a gente escreveu o *Corpos secos* em 2018 e 2019 e ele foi lançado na pandemia, ou seja, quando o mundo era assolado por uma doença. Acho que mesmo dentro da especulação, temos essas reverberações.

Bianca Magela: Uma característica muito marcante na sua ficção é a maneira como a crise ambiental está articulada à crise política e à social. Estas, em determinadas situações, também convivem com uma espécie de crise ética que promove o julgamento moral do outro e gera ações violentas, a ponto de, em *A extinção das abelhas*, a chegada ao colapso coincidir com o acirramento da intolerância e perseguição às mulheres e ainda mais às pessoas com gênero fluido e/ou desviantes do padrão. Nem sempre pensamos, em um primeiro momento, nesses aspectos como faces de uma mesma mentalidade, mas a aposta é que eles caminham juntos, não é? O monoteísmo, a monocultura, um modo "mono" de conceber o cultivo, a espiritualidade ou a sexualidade ou a conduta social em geral.

Natalia Polesso: Acho que tu acerta muito quando no fim da pergunta tu coloca o mono – monoteísmo, monocultura. Eu venho de uma leitura e pesquisa acadêmica que parte dos estudos culturais, logo depois da crítica feminista, da decolonialidade, dos estudos *queer*, e essas perspectivas sempre dialogaram com questões ambientais. Com perspectivas afrodiaspóricas também. Todas elas se ligam, de alguma forma, com a ideia ecológica no sentido do modo de habitar o lugar em que estamos. Então, ao compor as fabulações, as narrativas, a partir desse ponto de vista teórico e desse olhar para o mundo, é mais esperado que eu entenda que todas essas coisas estejam entrelaçadas. Não só o colapso ambiental, como o social, o humano, o afetivo e o capitalismo. Todas essas coisas vão se conectar.

Bianca Magela: Complementando: com os índices climáticos recentes e as discussões sobre ecologia em múltiplas disciplinas, fóruns e na mídia, o termo "catástrofe" se tornou recorrente, indicando a conformação de algo mais próximo e não só acidentes de grandes proporções ou apocalipses que nos acostumamos a ver em filmes hollywoodianos. O que configura "catástrofe" hoje na sua visão?

Natalia Polesso: Vou citar duas ideias de outras pessoas. Primeiro, *O grande desatino: mudanças climáticas e o impensável,* do Amitav Ghosh. Ele vai associar o negacionismo e a crise climática a uma crise da cultura e da imaginação, porque ele percebe que, de modo geral no mundo, as pessoas têm dificuldade de compreender, aceitar e tomar atitude diante das emergências que

essa crise produz. Posso pensar, por exemplo, nas enchentes do Rio Grande do Sul. Esses problemas são cada vez mais frequentes. Estou citando um, mas temos diversos outros. Ano passado tivemos uma sequência de questões climáticas, desde enchentes a incêndios, poluição, nuvens de poluição das queimadas de um lugar com a fumaça indo parar em outro. Todos esses problemas climáticos têm tramas muito intrincadas dentro da política, tramas político-sociais que dizem respeito ao modo como elas são enfrentadas e também a como elas produzem efeitos a depender das tensões sociais que cada pessoa ou cada extrato social enfrenta. Pensar o Antropoceno nas Sociais como uma produção do capitalismo para mim faz muito sentido. Daí, pensar as questões climáticas, não só como catástrofes ou tragédias, mas como catástrofes político-climáticas, é um passo. E já estou pegando a ideia de um artigo de Anelise de Carli e outros pesquisadores, "Quando Gaia irrompe no congresso: enchentes no RS e narrativas do Antropoceno e apesar dele"[4]. Eles discutem sobre as enchentes e adjetivam essa tragédia como uma tragédia político-climática. Eu concordo com isso e uso essa ideia. A enchente aqui não foi só uma tragédia ou catástrofe, mas uma catástrofe político-climática por questões que antecederam o evento em si e pelo modo como ele foi tratado depois. Tudo isso a gente não pode circunscrever ao âmbito climático. Existe todo um lado que é social, que é político e que, enfim, tem a ver com nossa

[4] Publicado na revista *Mídia e cotidiano*, v. 18, n. 3, set-dez. 2024, em coautoria com Marcelo Bergamin Conter e Camila Proto.

projeção de futuro e nosso entendimento de passado também. Por isso, para mim, essas coisas são muito imbricadas. Não tem como eu não voltar às minhas respostas anteriores. Tudo isso se conecta com a ideia de mono, monocultura, monoteísmo e com a ideia de o capitalismo produzir essas precariedades.

Bianca Magela: Você já afirmou que, entre as narrativas em disputa sobre origens e conformações do que nomeamos Antropoceno, você adere àquela que toma como marcador inicial as invasões e colonização das Américas e Caribe. Poderia explicar e falar sobre as implicações dessa perspectiva no presente de um país como o Brasil?

Natalia Polesso: Acho que já toquei nesse assunto em todas as respostas, porque é meio impossível não contextualizá-lo e falar dele. Mais especificamente falando disso, aqui no Brasil a gente teve, para além da destruição dos biomas, do etnocídio e tudo o mais, essa instalação arbitrária de um modo colonial de desenvolvimento, que depois se mostra capitalista, e agora tem a continuidade com o neoliberalismo, a precarização da vida. Esse sistema que veio pra cá se produziu em função dessas invasões. Mas não dá para não falar de um outro lado, que diz respeito a uma produção de cultura e de pensamento que a afrodiáspora trouxe pra gente aqui – modos de compreensão do ser, do mundo – e também a duração dos pensamentos e ensinamentos dos povos originários. Todos esses índices de durabilidade de existências também se fazem presentes. E não só em uma perspectiva de resistência, muito embora essa seja uma característica. Esses

pensamentos não hegemônicos resistem a uma lógica de dominação. Existe essa tensão como uma resistência, de fato, para não sofrer completa extinção, mas esse pensamento cria outras vidas, outro tipo de lógica de vida. Tem um livro muito bom que traz essa ideia de como pensar o capitalismo no Brasil a partir da ideia de Antropoceno. É *A dívida impagável: uma crítica feminista, racial e anticolonial do capitalismo*, da Denise Ferreira da Silva. Não só o livro, mas a produção dela de arte, por exemplo, seu filme *Serpent Rain* [codirigido por Arjuna Neuman][5].

Bianca Magela: O que significa, na prática do seu trabalho de pesquisadora e de autora de ficção, "ficar com o problema com alegria e terror", expressões que você toma emprestadas de Donna Haraway, referência muito mobilizada nos estudos ecocríticos atuais. Tem a ver com o lugar e as possibilidades da literatura?

Natalia Polesso: Muito brevemente posso responder a essa pergunta com: estar consciente. É muito difícil ser uma pessoa consciente hoje porque, meu Deus, é tanta coisa nos desgastando, de verdade! A precarização da vida me pega de um jeito muito profundo. Vejo no meu próprio trabalho como professora e também no que enxergo no contato com alunes. A Letras aqui na PUC-Rio Grande do Sul é um curso com mais de 90% de alunes bolsistas e é um curso noturno. Então, vejo os efeitos da precarização de tudo, da falta de tudo, da correria, do desejo

[5] Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=_1QWBPBBksg&t=1226s

de estar ali mais integralmente, sendo a pessoa consumida por uma rotina estafante. Esses efeitos se mostram no dia a dia. Acho que estar presente nesses lugares, estar consciente, estar debatendo, ter discernimento é estar no fim do mundo, estar aqui, inevitavelmente com alguma alegria e com algum horror.

Bianca Magela: O que você poderia contar sobre seus processos pessoais cotidianos e aprendizados para buscar fugir dessa precarização da vida? Incluindo aí preservar o tempo para a escrita de ficção em meio a outras tarefas.

Natalia Polesso: Não estou sendo muito feliz no projeto de evitar a precarização da vida. Hoje tenho 43 anos. Depois de 20 anos de hiato, tenho novamente um contrato de emprego celetista. Ouvi dizer que algumas pessoas muito jovens têm visto a CLT como um grande fracasso na vida. Esse discurso é nocivo e pra mim bastante absurdo. Passei anos trabalhando como pesquisadora, professora, escritora, tradutora, palestrante, oficineira (e antes disso outros trabalhos não relacionados às letras e à escrita) de modo precarizado, através de MEI ou sem contrato, sem recolher imposto, INSS, enfim, na informalidade. A gente sabe que a reforma trabalhista precarizou as relações e as condições de trabalho. Isso é uma coisa. A outra é como a gente tem se exaurido nessas relações de trabalho e nas nossas relações com tecnologia e discursos de inovação tecnológica e como isso impacta em XYZ, enfim, palavras que a gente ouve e que sabemos que estão conectadas com discursos mercadológicos. Além disso, somos constantemente esmagades por um

discurso de autogerência, de autocuidado, de alta performance. Tudo virou uma prática que envolve, ou exposição ou aquisição, e tudo isso é muito cansativo. Fiquei cansada só de dar esses poucos exemplos. Eu tenho falhado miseravelmente nessa fuga da precarização. A não ser pelo contrato celetista agora, que acho um luxo. Mas, como eu disse anteriormente, estar consciente disso tudo já é algo a se considerar. Um dia, falei para as pessoas do grupo de pesquisa que coordeno que a gente não precisava se esforçar pra realizar uma tarefa específica lá. Foi uma surpresa e um alívio muito grande pra todes nós. Disse que preferiria que lêssemos e discutíssemos os textos no nosso ritmo, que não tínhamos que pensar no cumprimento de um projeto ou tarefa que eu tinha projetado, que aquilo podia esperar, que o encontro e a conversa eram a grande inovação e tecnologia que estávamos conseguindo desenvolver ali. (Digo isso porque a minha bolsa de pós-doc era de inovação e tecnologia e eu tinha proposto um podcast do grupo, que ainda acontecerá, mas não estamos com pressa). Olhando a resposta agora, penso que talvez não esteja falhando tanto assim.

Bianca Magela: No encaminhamento da vida de Regina, protagonista de *A extinção das abelhas*, apesar da triste situação, ela vislumbra uma chance de viver em um grupo de pessoas que resistem. Em alguns dos seus textos, não só os com perspectiva de realismo especulativo, há encaminhamentos de aprendizado ou um final em que brilha uma esperança, muitas vezes ligada à amizade, ao amor, à comunhão com outras mulheres. Por exemplo: a Maria Fernanda de *Controle* tem um caminho de aprendi-

zado evidenciado quando ela encontra pessoas que se parecem com ela; a protagonista de alguns contos, como "A descoberta dos metais" [incluso em *Condições ideais de navegação para iniciantes*] descobre o afeto após uma sucessão de tristezas. Seria uma espécie de ética como autora?

Natalia Polesso: Acredito que tenha, sim, a ver com uma ética comigo mesma porque, por exemplo, *A extinção das abelhas* é um livro pesado e triste, e muitas pessoas veem o final dele também como triste. Eu não acho que seja. Acho que é um bom final dentro do que se estabeleceu ali como atmosfera, como uma construção de tempo-espaço. É um final que caminha em direção a uma utopia, uma possibilidade de existir, é uma continuidade, uma tentativa de resistência. Para mim, aquilo é uma utopia radical de felicidade. Seria meio *delusional* pensar em uma ideia de felicidade capitalista nesta realidade. Estar consciente não é isso. Mas acho que há atravessamentos, como na vida, atravessamentos de pequenas alegrias, pequenos gestos de amor, de felicidade, de amizade, de comunhão que vão compondo esses caminhos para a narrativa. De fato eu, desde o *Amora*, tenho tomado essa decisão de colocar personagens LGBT, mais em especial pessoas lésbicas ou não binárias ou pessoas trans, nos meus livros, com a ideia de que é possível estar no mundo com alegria e terror. É possível encarar as coisas com a responsabilidade de que a Donna Haraway fala. É possível estar consciente e não estar esmagade. É uma coisa meio sutil, mas eu tento caminhar para esses lugares, de que é possível que a vida se imponha de algum modo. Talvez a perspectiva desses finais seja realmente

uma ética de eu não querer colocar essas personagens sempre em lugares de sofrimento, de expropriação, de apagamento, mesmo de resistência contra-hegemônica. Às vezes eu só quero dar para elas um final em que tenha um gato de que elas possam cuidar e tentar reformular uma ideia de lar. É meio isso.

>>> Recebida em 01/05/2025. Aceita em 03/06/2025.